

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Jornal de Brasília Class.: 76
 Data: 08.10.82 Pg.: _____

Índios ameaçam declarar "guerra" à Funai

190
 Kátia Aguiar
 enviada especial

Ilhéus — "Nem um dia antes, nem um dia depois. Dia 20 de dezembro é o prazo final para voltarmos para nossas terras. Se a Funai não cumprir a palavra, é melhor cavar um buraco no meio do caminho para todos os índios morrerem, porque marcharemos para lá e vamos tomá-las de volta, e aí vai morrer branco também. Palavra é palavra. Eu garanto a minha". A afirmação foi feita ontem, pelo cacique dos índios Pataxó-Há-há-háe, Nelson Saracura, no Centro Experimental de Almada, após a visita de inspeção que o presidente da Funai, coronel Paulo Moreira Leal, fez ao local, onde eles estão alojados desde o último domingo quando foram transferidos de suas terras no município de Pau Brasil, por determinação do órgão tutelar.

— Arrisquei minha palavra com toda a comunidade. Só estamos aqui porque o coronel Paulo prometeu que no dia 20 nós voltaremos. Vamos entrar lá de qualquer jeito. Esta terra não presta. Só serve para nos ter em cima. Só viemos aqui para esperar o dia de voltar, salientou o cacique.

Apesar da confiança de Saracura, e de toda a tribo — que não esconde a desolação pelo afastamento de suas terras o coronel Paulo desmente que tenha feito qualquer acordo nesse sentido com os índios, quanto acredite que eles sairão vitoriosos no processo de anulação de títulos de propriedade de suas terras, concedidos ilegalmente por vários governos da Bahia a fazendeiros da região, e possam retornar a seus domínios "dentro em breve".

— O acordo foi de eles ficarem em Almada até o caso ser solucionado na Justiça. Vamos trabalhar, fazer o possível para que isso aconteça até a data por eles prevista. Mas não posso garantir, disse o coronel.

Ele afirmou ter consciência de que caso a esperança dos índios não seja concretizada poderá haver novo foco de tensão, e justificou a saudade que eles têm de sua aldeia:

— Quem não tem saudade de sua terra? Pega um exilado e vai ver se ele não tem saudade. Eu tenho da minha.

CSN

O antropólogo Cláudio Romero afirmou que o Conselho de Segurança Nacional (CSN) garantiu à Funai que no dia 20 os índios voltam à sua aldeia, o que foi negado pelo seu presidente, coronel Paulo.

Cláudio Romero esquivou-se por três vezes de esclarecer aos jornalistas o motivo pelo qual resolveu não atender à orientação da Associação dos Antropólogos da Bahia e de diversas entidades de apoio ao índio, de que não se apoiasse a transferência destes.

VISITA

O coronel Paulo, acompanhado de um representante da Cruz Vermelha Brasileira, Ary Morais — que se limitou a tirar várias fotos junto aos índios —, do cacique Raoni da tribo dos Txukarramaé — que deu seu apoio aos Pataxó, dizendo que devem voltar logo a Pau Brasil, porque Almada é horrível — e de outras pessoas, visitou todo o alojamento dos índios. Ele foi sempre seguido por grande número destes que insistentemente lhe lembravam a promessa de que ali estariam "apenas em férias".

QUADRO

Oitenta barracas de lona cedidas pela Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (Sudene) foram montadas para acolher os índios, por eles mesmos. Elas são quentes e sem conforto. Muitos se encontram com vários problemas de saúde, inclusive crianças.

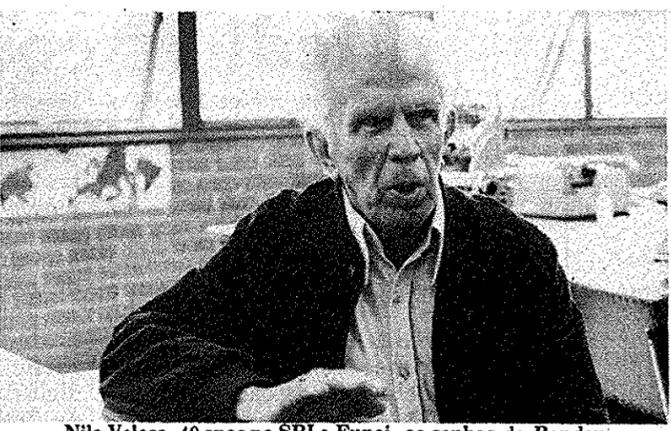
A tristeza, feita da saudade de sua aldeia, pode ser sentida em todos os Pataxó, passando por homens, mulheres e crianças. Eles juram que vão morrer em Pau Brasil e prometem não plantar nada, não trabalhar a terra onde estão; "pois ela é dos outros".

— Ninguém vai trabalhar. Chega de gastar suor, furar a mão, o pé na terra dos outros. Já chegou o que meus pais e os dos outros já sofreram. Não vamos trabalhar para os fazendeiros aproveitarem depois. Mesmo falando que me matam lá minha aldeia, só fico satisfeito lá, porque lá é que minha terra, assegurou Saracura com o apoio de todos os índios.

NÚMEROS

A Funai garante que estão em Almada 300 índios, que aceitaram a transferência, tendo apenas 18 deles ficado em Pau Brasil, número que teria crescido para 40 "porque os líderes vão buscar outras pessoas das proximidades para engrossarem a resistência, liderada por Samado, que em 1926 ajudou na demarcação dos 36 500 hectares que lhes pertencem. No entanto, esse número não pôde ser constatado pelos jornalistas que visitaram Almada, ficando a todos a impressão de que cerca de cem índios estão lá.

O secretário-geral da CNBB, dom Luciano Mendes de Almeida, renovou ontem "a confiança de que a palavra do coronel Paulo seja cumprida, embora não possa deixar de estranhar uma transferência desnecessária e traumatizante".



Nilo Veloso, 40 anos no SPI e Funai: os sonhos de Rondon

Kaiapó rejeita intervenção em comércio

Os índios da tribo Krikretum Kaiapó se deram bem contra a funesta intervenção da Funai no acordo "por escrito" que eles fizeram com a empresa de mineração privada Stannum-Shelita. Ontem, eles obtiveram "sinal verde" a favor do acordo do Conselho de Segurança Nacional — CSN — e do ministro das Minas e Energia, César Cals. Hoje pela manhã, o cacique Coronel Pombo e seus guerreiros Pitu Kaiapó e Pedro Kaiapó estarão com o presidente da Funai, Paulo Moreira Leal, a fim de convencer o órgão a "não se meter mais em assuntos comerciais de índio".

Como se recordam, os índios kaiapós fizeram um acordo com a empresa Stannum, permitindo que a empresa disciplinasse a exploração de ouro na aldeia de Rio Branco, em São Félix do Xingu. Os próprios índios vigiam a exploração e têm direito a 10% do ouro extraído. O acordo, assinado entre as partes no início do ano, tem deixado os índios satisfeitos. Estão comendo bem, se vestindo melhor ainda e alguns índios estão, inclusive, estudando enfermagem em Manaus.

Acontece que o presidente da Funai, Paulo Moreira Leal, deu o "contra" no acordo e quer, inclusive, retirar os alvarás da Stannum.

Funcionário lembra ideal do marechal Rondon

"O presidente da Funai não pode e não deve ser responsabilizado por falhas de administrações passadas". Esta afirmação é feita por Nilo Veloso, que por mais de 40 anos prestou serviços ao extinto Serviço de Proteção ao Índio e à Funai. Segundo Nilo, tanto o antigo SPI, quanto a Funai, tiveram e têm falhas, "mas se não existissem esses órgãos, o índio já teria sido destruído". Ele defende a posição da Funai contra as acusações que lhe foram feitas pela Associação Brasileira de Antropólogos-seção DF — no caso dos índios Pataxó do Sul da Bahia.

Fundador do Museu do Índio, Nilo Veloso trabalhou durante 15 anos com o marechal Rondon. Tendo passado por todos os cargos de chefia no Serviço de Proteção ao Índio, onde começou como cinegrafista, ele conhece bem a história dos Pataxó-há-há-háe e atribui a "pressões históricas" o caso de sua transferência para o Centro Experimental de Almada. Ele acredita que a Funai não cederá na questão jurídica que mantém contra o governo do Estado da Bahia.

"O que acontece", observa Nilo, "é que já se configura uma campanha de desmoralização contra a Funai. E estas campanhas não são novas. Os interesses escusos de alguns grupos motivavam este tipo de ataque ao SPI, que legou a Funai, as terras que ainda hoje constituem a riqueza dos índios.